

Festival Música Viva 2008

20 de Setembro de 2008 – 21:00

Lisboa – Fundação Calouste Gulbenkian – Grande Auditório

ORQUESTRA GULBENKIAN

a nova tradição

A Fundação Calouste Gulbenkian associa-se novamente ao Festival Música Viva para um percurso através de alguns dos principais compositores dos últimos cinquenta anos, num programa há muito esperado em Portugal. De Luciano Berio, figura incontornável da música da segunda metade do século XX, um dos “enfants terribles” da vanguarda musical das décadas de 50 e 60, mas cujo lirismo e força expressiva sempre o colocaram num lugar à parte, ouviremos em estreia portuguesa *Requies*. De Jonathan Harvey, certamente um dos maiores compositores da actualidade em cuja obra encontramos uma especial riqueza tímbrica de par com uma inigualável transparência sonora, teremos oportunidade de assistir à estreia nacional de *Calling Across Time*, na qual os meios electrónicos combinados com a orquestra vêm justamente contribuir para a rara sensibilidade harmónica da sua música. De Philippe Hurel, figura de destaque no meio musical francês, herdeiro da escola espectral, ouviremos o concerto para flauta e orquestra *Phonus*, numa quase homenagem a Debussy e a *L'Après-Midi d'un Faune* e finalmente teremos ainda em estreia absoluta uma obra para violino e orquestra, encomenda da Miso Music Portugal ao jovem compositor português Bruno Gabirro, valor emergente do nosso meio musical.

A Orquestra Gulbenkian contará para este concerto com dois solistas de eleição, a flautista Marion Ralincourt e o violinista Gareguin Aroutiounian sob a direcção da maestrina Lorraine Vaillancourt, fundadora e directora do Nouvel Ensemble Moderne de Montréal e que pela primeira vez se apresenta em Portugal.

www.musica.gulbenkian.pt

direcção: **Lorraine Vaillancourt**

flauta: **Marion Ralincourt**

violino: **Gareguin Aroutiounian**

Programa

Luciano Berio - *Requies* *

Jonathan Harvey - *Calling across time* *

intervalo

Philippe Hurel - *Phonus* * para Flauta e Orquestra

Bruno Gabirro - *vai faltar sempre um dia* - Concerto para Violino e Orquestra ** ◇

Co-produção: *Miso Music Portugal / Fundação Calouste Gulbenkian*

Apoios: *Embaixada do Canadá, CulturesFrance*

* estreia em Portugal

** estreia absoluta

◇ encomenda da Miso Music Portugal

INTÉRPRETES

ORQUESTRA GULBENKIAN

Foi em 1962 que a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente, no início constituído apenas por doze elementos, sob o nome de Orquestra de Câmara Gulbenkian. Esta formação inicial foi sendo progressivamente alargada, contando hoje a Orquestra Gulbenkian (designação adoptada desde 1971) com um efectivo de sessenta e seis instrumentistas, que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição, pouco habitual nos nossos dias e situando-se entre a formação de câmara e a sinfónica, permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório que abrange todo o período Clássico, uma parte significativa da literatura orquestral do século XIX e muita da música do século XX. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem assim ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efectivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respectiva arquitectura sonora interior.



Os programas realizados pela Orquestra Gulbenkian obedecem a uma preocupação de incluir, no âmbito dos diversos períodos abrangidos pelo seu repertório, composições raramente ouvidas ou mesmo completamente desconhecidas do público em geral. Nesta perspectiva, a Orquestra apresentou já um grande número de primeiras audições absolutas de obras contemporâneas, muitas das quais encomendadas pela própria Fundação Calouste Gulbenkian, quer a grandes nomes da criação musical do nosso tempo, como Berio, Penderecki, Xenakis ou Halffter, entre outros, quer aos mais representativos compositores portugueses da actualidade. Tem vindo assim a exercer junto do grande público uma acção cultural de carácter formativo da maior importância.

Em cada temporada a Orquestra Gulbenkian realiza no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa uma série regular de concertos em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, tendo por diversas vezes sido igualmente chamada a intervir em espectáculos de ópera. Por outro lado, percorre todos os anos em digressão um elevado número de localidades de Portugal, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional a Orquestra tem vindo a ampliar gradualmente a sua actividade, tendo até agora efectuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No passado mais recente, de referir o convite que a Orquestra Gulbenkian recebeu para participar no Ciclo «Orquestras del Mundo» em Madrid em que apresentou, com Evgeny Kissin como solista, a integral dos concertos para piano de Beethoven. Este programa foi também ouvido em Munique e Berlim, onde a Orquestra o apresentou em Fevereiro de 2005. Em Dezembro de 2006 apresentou-se em Amsterdão, Paris e Madrid numa digressão com a pianista Hélène Grimaud e já em 2007, desta vez com os pianistas Arcadi Volodos e Lise de La Salle, realizou uma digressão à Alemanha e Hungria. Neste mesmo ano a Orquestra Gulbenkian regressou à Alemanha para se apresentar com Lang Lang em cinco cidades diferentes.

A Orquestra Gulbenkian gravou já dezenas de discos, associando o seu nome às editoras discográficas Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus e Lyrix, entre outras e de onde ressalta o destaque dado à música portuguesa. Esta sua actividade foi distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio, designadamente o Grand Prix National du Disque da Académie du Disque Français (1967), o Grand Prix da Académie Nationale du Disque Lyrique (1969, 1975), o Grand Prix International du Disque da Académie Charles Cros (1972, 1974, 1980), o Laser d'Or da Académie du Disque Français (1988), o Prix Berlioz da Académie National du Disque Lyrique (1989), o Classique d'Or da Radiotelevisão do Luxemburgo (1990) e o Orphée d'Or (1991).

Entre os últimos projectos discográficos destaca-se o trabalho para a Deutsche Grammophon com o violoncelista Jian Wang (Concertos para Violoncelo e Orquestra de Haydn), em que a Orquestra Gulbenkian foi dirigida pelo maestro Muhai Tang (1999), o registo com obras de Vianna da Motta para a Hyperion, com o pianista Artur Pizarro e o maestro Martyn Brabbins (2000) e a colaboração com a guitarrista Sharon Isbin na gravação de dois concertos para guitarra e orquestra dos compositores Christopher Rouse e Tan Dun, de novo sob a direcção de Muhai Tang (2001), para a Teldec. Relativamente a este último registo, de sublinhar a atribuição, em 2002, de dois importantes prémios internacionais, um Grammy, na categoria de «Melhor Composição Contemporânea» (Concerto de Gaudí, de Rouse), e o Echo Klassik, na categoria de «Melhor Gravação».

Já em 2004 foram editados pela Oehm os dois concertos para viola de Franz Anton Hoffmeister que a Orquestra Gulbenkian havia registado em colaboração com o violetista Ashan Pillai e sob a direcção do maestro Christopher Hogwood.

No presente ano, foi editada pela Naif a gravação dos primeiros concertos de Liszt, Chostakovitch e Prokofiev que a Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Lawrence Foster, realizou com Lise de La Salle em 2006.

Desde a temporada de 2002-2003, Lawrence Foster é o responsável pela direcção artística do agrupamento, acumulando as funções de Maestro Titular. Claudio Scimone, que ocupou este último cargo entre 1979 e 1986, foi nomeado em 1987 Maestro Honorário, enquanto Simone Young e Joana Carneiro detêm os títulos de Maestrina Convidada Principal e Maestrina Convidada desde as temporadas de 2007/2008 e 2006/2007, respectivamente.

LORRAINE VAILLANCOURT

A pianista e maestrina Lorraine Vaillancourt é fundadora e directora artística do Nouvel Ensemble Modern (NEM), a primeira orquestra canadiana inteiramente dedicada ao repertório contemporâneo. O NEM é o ensemble residente da Universidade de Montréal, onde Lorraine Vaillancourt é professora desde 1971 e dirige o seu próprio workshop de música contemporânea desde 1974.

Enquanto directora do NEM, Lorraine Vaillancourt tem estreado diversas obras em concertos no Canadá e no estrangeiro. É regularmente maestrina convidada por diversos ensembles e orquestras mundiais, nomeadamente pela Orquestra Sinfónica de Montréal, a Orquestra Sinfónica do Quebec, o Ensemble Orchestral Contemporâneo, a Filarmónica de Nice, as Percussões de Estrasburgo, o Ensemble Sillages, a Orquestra Nacional da RAI e a Orquestra Gulbenkian.

Vaillancourt dirigiu numerosas estreias de óperas, incluindo *Kopernikus* de Claude Vivier.

Em 1995 o NEM encomendou a John Rea uma adaptação de *Wozzeck*, que foi estreada no Centro Cultural Banff e depois apresentada em Montréal. Em 2007 Vaillancourt dirigiu esta mesma obra com o ensemble Ictus em França. Em 2006 dirigiu *Vortex Temporum* de Gérard Grisey numa colaboração com a coreógrafa Isabelle Van Grimde, na estreia do espectáculo *VORTEX*.

A sua discografia conta com dezenas de gravações produzidas pela Universidade de Montréal – Faculdade de Música, IRCAM, as Percussões de Estrasburgo, Festival Musica 93, Radio-Canada, Radio France e pela Corporação Australiana de Radiodifusão. A sua gravação de *Erewhon* de Hughes Dufourt com as Percussões de Estrasburgo foi distinguida com o Grande Prémio do Disco da Academia Charles Gros.

É membro fundador da Sociedade de Concertos Les Évènements du Neuf. Em 1990 foi responsável pela publicação *CIRCUIT*. Foi Presidente do Conselho da Música do Quebec de 1998 a 2001, vindo a desempenhar funções na Administração do Conselho de Artes e Letras do Quebec até 2006. É membro da Sociedade Real do Canadá.



MARION RALINCOURT

Marion Ralincourt estudou flauta transversal no Conservatório Superior de Música de Paris, tendo terminado com o Primeiro Prémio por unanimidade. Em 2005 iniciou o Ciclo de Aperfeiçoamento deste Conservatório na classe de Sophie Cherrier.

Criou o duo Harpéole com a harpista Lucie Marical, continuando como titular da Orquestra Sinfónica e Lírica de Tours e da Orquestra de Câmara Les Siècles.

Desde 2007 o duo Harpéole segue o Ciclo de Aperfeiçoamento de Música de Câmara do Conservatório Superior de Música de Paris na classe de David Walter.

Em Abril de 2005 ganhou o Primeiro prémio no Concurso Internacional de Flauta de Cracóvia e o Prémio especial de melhor interpretação do Concerto de Penderecki. Foi semi-finalista nos Concursos Internacionais de Kobe e Jean-Pierre Rampal (menção honrosa) e laureada do Festival Musical de Outono de Jovens Intérpretes. Desde 2005 é bolseira da Fundação Natexis Banque Populaire. Em Junho de 2006 ganhou um terceiro prémio no Concurso Internacional Carl Nielsen.

Em 2007 apresentou-se a solo em diversas salas parisienses, no Japão e na Polónia e foi convidada para numerosos festivais.

Em 2007-2008 tocou a solo com a Orquestra da Polícia Parisiense e o Ensemble Intercontemporain. Participou na “Folle Journée” de Nantes e Tóquio.



GAREGUIN AROUTIOUNIAN

Nasceu em 1951 em Erevan, capital da Arménia, numa família de músicos. Começou a estudar violino aos 7 anos na Escola Especial Profissional de Música Tchaikovsky, na classe de Villy MoKatsian.

Ainda como estudante fez diversas digressões pela ex-URSS, actuando como solista com a Orquestra de Câmara do Estado da Arménia, entre outras. Deu o seu primeiro recital aos 12 anos de idade.

Em 1977 foi laureado no Concurso de Músicos Intérpretes de TransKavkasia e foi eleito membro da Secção de Intérpretes da União de Compositores da Arménia. Durante a sua carreira teve a oportunidade de estrear diversas obras para violino.

Estudou em Moscovo com B. V. Belenky como bolseiro do Ministério da Cultura Arménio.

Em 1981 fundou o Quarteto de Cordas de Erevan, agrupamento de grande prestígio por todo o Mundo.

Em 1985 concluiu o Doutoramento de Concerto, Metodologia e Práticas de Ensino no Conservatório Superior Komitas de Erevan. Alguns dos seus trabalhos teóricos encontram-se publicados por esta instituição.

Desde 1989 é membro da Orquestra Gulbenkian, onde ocupa neste momento o lugar de Concertino Adjunto. Como solista, já tocou com a Orquestra Gulbenkian, Sinfónica Juvenil, Sinfonietta de Lisboa e Orquestra Sousa Carvalho nalguns dos mais prestigiados festivais e salas nacionais.

Iniciou a sua actividade docente em 1972 na Escola Superior Romanos Melikian, tendo já ensinado também no Conservatório Superior Komitas de Erevan, na Academia de Amadores de Música de Lisboa e na Escola Superior de Música de Lisboa, onde ensina desde 1997.

Foi responsável pela elaboração dos programas de Metodologia e Práticas de Ensino na Escola Superior de Erevan e pelo programa do curso de Professores de Violino, em colaboração com o Ministério da Cultura da Arménia.



COMPOSITORES e OBRAS

LUCIANO BERIO

Compositor italiano nascido em 1925, faleceu em Roma em 2003.

Estudou no Conservatório Verdi de Milão.

Com a cantora Cathy Berberian, sua primeira mulher, explorou todas as possibilidades da voz, tendo composto para ela diversas obras, nomeadamente a *Sequenza III*.

Em 1952 foi estudar com Luigi Dallapiccola a quem dedicou *Chamber Music*.

Em 1953 encontrou Stockhausen, Boulez, Pousseur e Kagel, grupo que começou então a encontrar-se regularmente em Darmstadt, guardando Berio alguma distância face ao ambiente de serialismo aí reinante.

A literatura e a linguística formam o seu pensamento musical. Em 1955 fundou o estúdio de fonologia musical da RAI com Bruno Maderna. Destas pesquisas surgiram obras como *Thema – Omaggio a Joyce*.

Ainda com Maderna criou os Encontros Musicais e publicou uma revista de música experimental. Da sua paixão pelo virtuosismo nasceram as *Sequenze*, uma série de peças para diversos instrumentos solo, compostas entre 1958 e 1995.

Ensinou na Dartington Summer Scholl, no Mill's College em Oakland, em Harvard, na Universidade de Columbia e na Juilliard School.

Nos anos 60 colaborou com Sanguineti em peças de teatro musical de que *Labirintus 2* é a mais notória.

Em 1968 surgiu *Sinfonia*, uma das suas mais importantes obras baseada na técnica de colagem e em 1975 *Coro*, inspirada nas músicas tradicionais.

De volta à Europa, foi convidado por Boulez a dirigir a secção de electroacústica do IRCAM. Supervisionou o projecto de transformação sonora em tempo real. Em 1987 fundou o Centro Tempo Reale em Florença, dedicado exclusivamente à electrónica em tempo real.

Durante os anos 80 compôs duas óperas com libreto de Italo Calvino: *La Vera Storia* e *Un Re Ascolto*.

Dirigiu grandes orquestras nos E.U.A. e na Europa e em 2000 foi eleito Presidente e Director Artístico da Accademia di Santa Cecilia em Roma.

A sua notoriedade internacional valeu-lhe diversas distinções, entre as quais um Leão de Ouro na Bienal de Veneza em 1995 e o Imperial Praemium no Japão. Em 2001 recebeu o Prémio Internacional Luigi Vanvitelli em Caserta.



Requies

para orquestra (1983-1985)

Uma orquestra toca uma melodia. Ou melhor, descreve uma melodia: mas apenas como uma sombra pode descrever um objecto ou um eco pode descrever um som. A melodia desenvolve-se incessante e no entanto descontinua, através de *flash-backs* e digressões em torno de um centro em movimento, afastado, talvez indecifrável ao ouviente.

Requies é dedicada à memória de Cathy Berberian.

Luciano Berio

JONATHAN HARVEY

Nascido em Warwickshire em 1939, Jonathan Harvey pertenceu ao coro do St. Michael's College e mais tarde estudou música no St. John's College em Cambridge.

Doutorou-se em Glasgow e Cambridge (sob orientação de Benjamin Britten) e estudou com Erwin Stein e Hans Keller. Foi bolseiro Harkness em Princeton.

Da sua longa parceria com o IRCAM nasceram sete trabalhos e dois para o Ensemble Intercontemporain, entre os quais *Mortuos Plango, Vivos Voco*. Compôs ainda para outras formações: três óperas, obras para orquestra, música de câmara e para instrumentos a solo. As suas muitas obras para coro são amplamente cantadas, incluindo a grande cantata *Mothers shall not Cry* escrita para os Concertos PROM BBC Millenium (2000).

A sua música é tocada pelos principais agrupamentos da actualidade (Ensemble Modern, Ensemble Intercontemporain e Ictus Ensemble, entre outros). A sua música tem sido homenageada em festivais como o Musica de Estrasburgo, o Ars Musica de Bruxelas ou o Musica Nova em Helsínquia, assim como em diversos centros de música contemporânea.

Recebeu doutoramentos *honoris causa* das universidades de Southampton, Sussex e Bristol, é membro da Academia Europaea e recebeu em 1993 o prémio Britten de composição. Publicou dois livros sobre inspiração e espiritualidade. A sua música tem sido amplamente estudada em livros publicados em inglês e francês.

Foi professor de música na Universidade de Sussex, onde é agora professor honorário; foi professor na Universidade de Stanford, professor convidado no Imperial College de Londres e é membro honorário do St. John's College em Cambridge. É compositor associado da Orquestra Sinfónica Escocesa da BBC desde 2005.

As encomendas para o futuro incluem duas obras para coro e orquestra do Coro da Rádio de Berlim e Filarmónica de Berlim e da Fundação Patrono da Semana de Música Religiosa de Cuenca e uma obra para orquestra, coros e narrador da Global Ethic Foundation.



Calling across time

A Morte desentrança os nossos pensamentos, que tão dolorosamente vamos entrelaçando durante a vida. O livros obstruem-Lhe o trabalho, desafiando persistentemente o rápido desabar dos nossos edifícios de pensamento e memória, cuja única esperança seria (ou não) a passagem através da mera tradição oral. Ao ler Platão ou os manuscritos de Nag Hammadi, Boécio ou Aquino, Rumi ou Woolf, frustramo-La e somos momentaneamente triunfantes. Ela não arruinou tudo. Claro que o Seu raio está presente, porque ao ler interpretamos através dos nossos próprios olhos o que foi preservado. Mas a queda é infinitamente mais lenta do que teria sido sem a palavra escrita.

Os livros também atravessam o espaço.

Esta obra musical faz ambos, enquanto metáfora.

Calling Across Time foi encomendada pela British Library para a inauguração do seu novo edifício desenhado por Colin St. John Wilson, a 13 de Junho de 1998.

Jonathan Harvey

PHILIPPE HUREL

Depois dos estudos de violino, Análise, Técnicas e Musicologia no Conservatório e na Universidade de Toulouse e dos estudos de Composição e Análise no Conservatório de Paris, fez parte dos trabalhos de investigação musical do IRCAM entre 1985 e 1989.

Foi bolseiro da Villa Medici em Roma de 1986 a 1988 e em 1995 recebeu o Prémio da Fundação Siemens em Munique por *Six Miniatures en Trompe-l'oeil*.

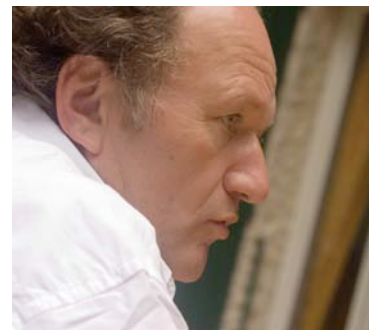
De 1997 a 2001 leccionou no IRCAM no âmbito do Curso de Informática Musical e de 2000 a 2002 esteve em residência no Arsenal de Metz e na Filarmónica de Lorraine. Recebeu o Prémio Sacem para Compositores em 2002 e o Prémio Sacem para a Melhor Obra de 2003 com *Aura*.

É desde 1991 director artístico do Ensemble Court-circuit, com direcção musical de Pierre-André Valade.

As suas obras têm sido interpretadas por inúmeras formações musicais e orquestras sob a direcção de maestros como Pierre Boulez, Esa Pekka Salonen, David Robertson, Jonathan Nott, Reinbert de Leeuw, Bernard Kontarsky, Stefan Asbury, Kent Nagano, Peter Eötvös, Markus Stenz, Ed Spanjaard e Pierre-André Valade com quem trabalha regularmente.

Em 2007-2008 é estreada a sua obra *Cantus* no Festival Musica. Esta obra para voz e ensemble foi escrita em homenagem a Georges Pérec e será cantada por Françoise Kubler com o Ensemble Accroche-Note. O New York Music Ensemble dedica-lhe três concertos monográficos e irá ainda estrear a peça *Step*, encomenda do Fundo Franco-Americano. Foi convidado no Festival Maerzmusik, que lhe encomendou em conjunto com o Berliner Festspiele e a cidade de Warburg a nova obra *Phasis*. Finalmente, o Ensemble Intercontemporain fará a estreia da versão para grande ensemble de *Aura*.

As suas próximas obras são encomendas da Orquestra Filarmónica de Oslo, do Cirm e da Orquestra Filarmónica da Radio France.



Phonus

para flauta e orquestra (2004)

Encomenda de Barbara Polla para a Filarmónica de Oslo e é dedicada a Ada Polla e Lars Tray.

O pedido de François Fromanger para escrever uma obra para flauta e orquestra relacionada com o *Prélude à l'après-midi d'un faune* entusiasmou-me imediatamente. Comecei por reler atentamente a partitura de Debussy, deixando fluir as ideias de forma intuitiva, sem tentar agarrar-me ao material original. No entanto, a minha peça aproxima-se da temática inicial do *Prélúdio*, especialmente do seu cromatismo e apresenta-se como uma variação deste.

Contrariamente ao que me é habitual, não organizei tudo com antecedência. Deixei-me levar por "impressões", sensações de cores – por isso escolhi a mesma instrumentação que Debussy – e socorri-me de técnicas diversas para renovar as cores harmónicas ao longo da obra: técnicas espectrais (análise, compressão e dilatação de espectros, modulação de frequência, fundamental virtual...) ou uma utilização mais livre de sobreposições modais.

A primeira parte da peça é um trajecto para a libertação do flautista que num longo solo consegue finalmente fazer ouvir a sua voz (phonus) num grito, após uma espécie de "dança" rítmica e repetitiva. A partir deste momento a música torna-se cada vez mais rítmica e os materiais expostos antes da cadência do solista sobrepõem-se, misturam-se, confundem-se para atingirem primeiro um trio de flautas que é uma variação da cadência do solista e finalmente um *tutti* violento onde o cromatismo do *Fauno* passa a ocupar todo o espaço. A obra baseia-se no princípio de "reiteração" tão caro a Debussy e que faz também parte do meu trabalho desde há muito, com a utilização da repetição e dos ciclos, técnicas desenvolvidas na minha série de obras solo intitulada *Loops*. *Phonus* termina com alguns acordes calmos que, tal como no início da obra, dão a ouvir o dó sustentado e o sol do motivo tocado pela flauta solo no *Prélude à l'après-midi d'un faune*.

BRUNO GABIRRO

Nasceu em 1973 em Tomar. Estudou na Academia de Amadores de Música de Lisboa, onde terminou o curso complementar de violino com Gareguin Aroutiounian e estudou Análise e Técnicas de Composição com Eurico Carrapatoso. Estudou viola com Barbara Friedhoff e no âmbito de cursos de aperfeiçoamento de violino com Vladimir Ovchareck e Richard Gwilt.

Em 2006 concluiu a licenciatura em composição na Escola Superior de Música de Lisboa. Nesta escola estudou composição com Luis Tinoco, António Pinho Vargas, Christopher Bochmann e João Madureira. Estudou também com Roberto Perez e Sérgio Azevedo nas disciplinas de Orquestração, Análise e Técnicas de Composição.

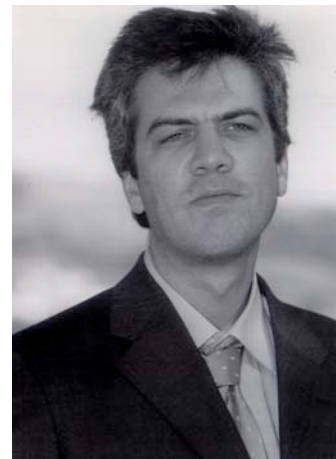
Em 2003, 2004, 2005 e 2008 foi seleccionado para os "Workshop Gulbenkian para Jovens Compositores Portugueses", tendo as respectivas peças sido apresentadas pela Orquestra Gulbenkian. Desde 2003 participa nos "Seminários de Composição Gulbenkian", sob orientação de Emmanuel Nunes.

Recebeu em 2004 uma Menção Honrosa no "Prémio de Composição ESMAE / Casa da Música".

Em 2006 foi aceite no Concurso "Ópera em Criação", tendo trabalhado com o escritor Fernando Dacosta na realização da ópera de câmara *Carta do Achamento*, estreada no teatro S. Luiz. No mesmo ano foi compositor residente no Laboratório Electroacústico de Criação da Miso Music Portugal.

Iniciou em Setembro do mesmo ano o curso de mestrado em composição na Royal Academy of Music em Londres, onde prossegue os seus estudos com Philip Cashian. Trabalhou também regularmente com Sir Peter Maxwell Davies. Foi-lhe atribuído por esta instituição o Mosco Carner Award e o Lena Pritchard Green Award.

Em 2008 foi o vencedor do concurso de composição Eric Coates Prize for Composition, e foi apresentado em concerto pela Birmingham Symphony Orchestra (BSO).



vai faltar sempre um dia – Concerto para Violino e Orquestra

Um dia, no fim de uma aula enquanto arrumava o violino, Gareguin Aroutiounian, então meu professor de violino, disse-me "Bruno... faças o que fizeres, na tua vida vai faltar sempre um dia...". Na altura não dei muita importância ao que acabara de escutar, mas com o tempo, lentamente, foi fazendo parte de mim. Não se trata de resignação, para seguir um caminho é necessário dizer não a muitos outros e a esse que vamos escolhendo vai faltar sempre um dia. Há sempre mais um passo a dar, algo a fazer, a viver.

Bruno Gabirro



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



dgARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES



Canada
Embaixada do Canadá